

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 06 - Pensamento Político na América Latina

Poetas latino-americanas e a ideia de latinidade em reflexão

Piera Paula Schnaider do Nascimento¹

Meire Mathias²

INTRODUÇÃO

O presente estudo, decorrente da investigação de doutorado em andamento, objetiva a construção de um inventário da produção poética contemporânea latino-americana de escritoras, no sentido de, apreendendo os temas e os questionamentos abordados nos poemas, descobrir o que podem revelar sobre a percepção da América Latina e, ainda, sobre uma ideia de *latinidade*. Para tanto, concebemos a poesia como manifesto transcultural, ideia que será desenvolvida no próximo ponto.

De início, convém notar que a ênfase dada às mulheres não implica restringir nossa perspectiva à contraposição mulher-homem, como se os homens fossem o inimigo por excelência a ser derrotado no sistema patriarcal. Não se trata, pois, da recusa em participar de um sistema construído *por e para* homens, e sim “da convicção [de] que é impossível estar

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá (PGC/UEM). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Demanda Social (CAPES/DS). E-mail: pieraschnaider@hotmail.com.

² Doutora em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Departamento de Ciências Sociais (DCS) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá (PGC/UEM). E-mail: meire_mathias@uol.com.br.

fora desse sistema”, sendo necessário, por isso, assumir “a responsabilidade do próprio ponto de partida se se quer ter algum poder de modificação do real” (Dias, 2022, p. 79).

Tendo isso em vista, pressupomos, como ponto de partida, a dimensão vivida das mulheres latino-americanas, reconhecendo que a experiência de ser mulher é conformada por múltiplos marcadores, mas que, apesar das diferenças entre elas, as poetisas mulheres são seres concretos que atribuem sentido(s) à realidade, configurando, com seus pensamentos em movimento, aquele patrimônio intelectual mais geral que, como veremos no item seguinte, compõe precisamente o cerne da reflexão transcultural.

Nesse sentido, pesquisar a poética produzida por mulheres contemporaneamente tem sua relevância alargada à medida que, enquanto expressão da transculturação, possibilita a reconfiguração de hierarquias epistêmicas e do próprio processo de conhecimento, com a consequente reinscrição de experiências históricas subalternizadas no campo da cultura. Portanto, pensar a latinidade a partir desse objeto cultural desprezado pela cultura dominante nos oferece outras chaves de interpretação da América Latina.

Por tais razões, pretendemos compreender, ou mesmo depreender, como se dá a construção da nossa latinidade nessa produção, tratada não como aspecto nacional distintivo, mas como noção que, intrinsecamente contraditória, se manifesta nos textos dessas mulheres. Em levantamento prévio, foram identificadas autoras de vinte países da região, muitas delas com obras publicadas. Ao longo da pesquisa, o acervo será ampliado, sistematizado e aprofundado, considerando como recorte temporal o período de 2000 a 2025.

Este estudo preliminar concentra-se na análise do material disponível até o momento — cerca de trinta (30) obras, entre e-books (incluindo duas (2) antologias) e livros físicos, de quinze (15) autoras provenientes da Argentina, Brasil, Caribe colombiano, Uruguai e Nicarágua, com a seleção de textos de dez (10) poetisas —, buscando responder, ainda que inicialmente, à seguinte questão: de que maneira a ideia de latinidade se manifesta na poética dessas mulheres? Queremos descobrir se tais escritas formam, com maior ou menor consciência, um projeto coletivo de redescoberta e/ou de reconstrução da América Latina. Assim como para a argentina Laura Wittner, poeta e tradutora, nos interessam o mundo, suas representações “e os pensamentos/ sobre as representações/ do mundo” (2023, n.p.).

A brasileira Angélica Freitas, também poeta e tradutora, escreve, no poema intitulado “uma introdução ao mate”³⁻⁴, um breve tratado em inglês sobre o preparo do mate (costume

³ *“an introduction to mate:/ see this green tea here?/ the erva?/ it goes in here, yes,/ this is called cuia./ there! not too much/ about three quarters/ will do/ cover the cuia with/ your hand and shake it/ up and down./ perfect./ this green powder on/ your palm, just blow it off./ it is best if the erva/ makes a little slope/ say, 45 degrees./ now*

fortemente simbólico no sul do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai), por meio de uma descrição que pode ser lida como rica especulação sobre o que estamos discutindo: a erva-mate, no lugar da poesia, refletindo a ideia de latinidade; a prática compartilhada de beber chimarrão, por sua vez, afinando com a sensação de pertencimento (ou não) à América Latina.

Para além da fase do preparo, a cerimônia do chimarrão consiste em prática cultural regida por uma série de gestos que compõe uma temporalidade própria, desacelerada, já que a atenção a cada detalhe exige paciência. Trata-se também de uma forma de convivência que acontece em roda, por meio da circulação da cuia entre participantes. O mate estabelece esse elo social ao criar uma comunidade provisória baseada na partilha do mesmo objeto.

Tal qual observa Paloma (2020), em *Canções para atormentar*, poemário de onde foi retirada essa poesia, Angélica escreve sobre ser mulher como “fato que atravessa nossas vidas e molda a forma como vivemos e vemos o mundo”. Afinal, somos mulheres “mesmo quando não estamos falando sobre isso”, inclusive “quando bebemos mate”.

No mesmo poema, conjectura a poeta: “dizem que você precisa nascer aqui para gostar disso”. Ironiza a relação entre eu-lírico e estrangeiro a quem dirige o seu ensinamento: “(forte demais para você, não é mesmo)?”. Assim, ela tensiona noções como tradição e continuidade, identidade e reconhecimento, pertencimento e performance. Vale observar ainda que o poema é escrito totalmente em inglês, língua da conhecida marca estadunidense de refrigerante preto que domina o mercado brasileiro de chás, comercializando produtos à base de erva-mate — prontos para consumo —, com uma linha específica para chimarrão. Beber mate, ato aparentemente simples, se converte em modo de habitar e reafirmar a cultura, no caso, a cultura latino-americana. Finaliza Angélica, em tom provocativo: “você pode fingir que nasceu aqui, mas não pode fingir que gosta disso. sim, estou falando do mate”.

COM QUANTAS MÃOS SE FAZ UMA AMÉRICA LATINA?

A brasileira Marília Garcia, poeta, ensaísta, editora e tradutora, reflete sobre a escrita e o fazer poético como gestos feitos com as mãos. Revela que costuma manter vários materiais simultaneamente, nos quais incorpora citações de outros autores, em busca de caminhos para “pensar com as mãos” (Garcia, 2018, p. 15). Mãos que, pensando, se desenham, e no ato de

we pour some/ warm water in it/ let it brew for a bit/ then put the bomba in/ yes, the straw./ and it's good to drink./ pour some hot water in/ and drink it./ now, they say you have/ to be born here to like it/ (too strong for you,/ really?)/ you can pretend you have/ been born here but you/ can't pretend you like it/ sure, i'm talking about/ the mate.” (Freitas, 2020, n.p.).

⁴ Além do título, todos os trechos citados em português do referido poema de Angélica são traduções nossas.

desenhar “conversam com outras mãos” (Garcia, 2025, pp. 14–15). Imagem potencializada se a pensamos a partir da cena proposta por Angélica: um grupo de pessoas passando a cuia, de mãos em mãos, cada uma tendo o “seu momento” para experimentar o mate, preparado para a partilha. Uma experiência vivida, a um só tempo, individual e coletivamente.

De fato, o poema vem ao mundo pelas mãos do poeta e da história. Nunca começamos um texto sozinhos, muito menos do ponto zero. Para escrever, partimos de um chão histórico dado *a priori*, que mantemos ou contrariamos, em maior ou menor medida. O mesmo se pode dizer acerca de *Nuestra América*, cuja história tem sido escrita a muitas mãos e de forma comparável ao fazer poético.

Pertinente, nesse sentido, é a reflexão do sociólogo brasileiro Octavio Ianni sobre transculturação, processo que implica um movimento em que passado e presente se tensionam constantemente, formando uma narrativa histórica mundial também criada a todo momento. Nesse movimento, a mistura de duas ou mais culturas — que nem sempre se dá nas mesmas proporções, já que se trata de uma relação mediada pela dominação, portanto assimétrica — resulta em uma realidade complexa, original e independente das que lhe deram origem e foram a ela incorporadas. Com isso, Ianni pontua que a vida cultural e intelectual não se cristaliza, é, antes, alimentada pela circulação de ideias entre diferentes culturas. Tais ideias, contraditórias e simultâneas, tecem um imenso caleidoscópio de correntes de pensamento científicas, filosóficas e artísticas (Ianni, 1997b, p. 156).

Nesse passo, Ianni nos dá pistas importantes para caminhar, metonimicamente, pelo continente. Segundo ele, a formação do pensamento latino-americano corresponde à história da ideia de América Latina, ou seja, de como ela tem sido pensada. Falar em processo de produção da problemática latino-americana, como história e ideia, mais do que falar em diferenças entre nações ou seus aspectos distintivos, é falar em um compósito de diversidades e antagonismos, multiplicidades e contrapontos, tendências e controvérsias. Desse modo, o sociólogo entende que os estudiosos da América Latina produzem um pensamento que tanto a expressa quanto a constitui, é dizer, seus estudos dizem respeito a cada nação, em particular, e manifestam a América Latina como um todo (Ianni, 1990, p. 1).

A história da América Latina compreende produções intelectuais latino-americanas, europeias, norte-americanas e outras, em constante intercâmbio — ainda que, repita-se, com preponderâncias —, buscando explicar como o perfil latino-americano é traçado e retraçado, “em que se constituem as suas singularidades; quando se dá a sua produção cultural mais original” (Ianni, 1990, p. 2). Assim, aos poucos, percebe-se de que forma a América Latina se pensa. Isso porque a ideia de América Latina integra a constituição da realidade latino-

americana, isto é, do contraponto permanente entre pensamento e realidade, o processo de pensar aparece, muitas vezes, também como o de constituir, romper ou redirecionar produções e atividades culturais, políticas, econômicas e outras (p. 3). Ao descortinar direções possíveis do real, o pensamento as compõe. “A realidade nunca permanece inocente do seu conceito”; ao contrário, na América Latina “subsiste a impressão de que a realidade, em cada lugar, continua em busca de conceito” (Ianni, 1993, p. 27).

Por certo, esse processo simultâneo de pensar e constituir a realidade latino-americana não é tranquilo. Avança, recua. Os jogos de forças sociais e controvérsias teóricas frequentes provocam reorientações e, assim, forma-se, aos poucos, aquela problemática latino-americana (Ianni, 1990, p. 2). Apesar das diversidades nacionais, ressoam semelhanças entre o que se faz e pensa em distintos países, havendo épocas em que vários deles parecem estar passando por problemas parecidos, expressos em produções filosóficas, científicas, literárias e artísticas. “Daí emerge a idéia de América Latina, como história e imaginação” (p. 4).

A ideia de América Latina, portanto, está desenvolvida nas inúmeras interpretações existentes da problemática latino-americana, que ora se complementam, ora se contradizem, mas em conjunto formam um sistema encadeado de registros de como a América Latina se pensa e constitui, oferecendo uma imagem múltipla e nuançada do que ela tem sido e do que pode ser (Ianni, 1990, p. 28). Aliás, no emaranhado de desafios que compõem e decompõem a América Latina como complexo de nações, estas seriam outras se não se recriassem de quando em quando na interpretação e na imaginação. As produções científicas, filosóficas e artísticas podem revelar mais o imaginário do que a história, menos a nação real do que a ilusória. “Mas não há dúvidas de que a história seria irreconhecível sem o imaginário” (Ianni, 2006, p. 38). De fato, não conseguimos construir o que não podemos imaginar; “tudo o que está construído precisou, antes, ser imaginado” (Mombaça, 2019, p. 67).

A propósito, nas palavras da nicaraguense Gioconda Belli, poeta, romancista e ativista política, “o desejo é maior do que a realidade” (2024). Ela não condiciona a própria felicidade à realização de uma Nicarágua definitivamente livre, embora a aspire fortemente. Em vez disso, constrói um mundo no qual possa experimentar a liberdade no presente, entendendo a poesia como a mágica que acontece quando nos sentimos completamente livres. Na dicção precisa da autora (Vasques, 2017, p. 133):

Não se escolhe

Não se escolhe o país onde se nasce;
mas se ama o país onde nasceu.

Não se escolhe o tempo para vir ao mundo;
mas se deve deixar pegada de seu tempo.

Ninguém pode fugir de sua responsabilidade.

Ninguém pode tapar os olhos, os ouvidos,
emudecer e cortar as mãos.

Todos temos um dever de amor a cumprir,
uma história por nascer
uma meta a alcançar.

Não escolhemos o momento para vir ao mundo.
Agora podemos fazer o mundo
em que nascerá e crescerá
a semente que trazemos conosco.

Segundo Ianni, há conjunturas históricas em que predominam certas inquietações, como se um clima sociocultural alimentasse as distintas criações de diferentes pensadores, e que ecoam nas interpretações do mundo. Essas narrativas parecem sintetizar algo essencial da época ou conjuntura, é dizer, narrativas, como as sociológicas ou literárias, são expressões do mundo e da cultura (Ianni, 1997a, pp. 7 e 42). Criam também a convicção (ou ilusão) do que pode ser ou teria sido a situação. Cada leitor, por sua vez, a taquigrafa à sua maneira.

Assim como a história da América Latina caminha *pari passu* com a da nação latino-americana, também a sociologia e a literatura se desenvolvem influenciadas pela questão nacional, contribuindo decisivamente na composição do mapa da nação (Ianni, 1997a, p. 10). Não por acaso, em inúmeras produções culturais sociológicas e literárias predomina o tema da nação. O problema é que tal predomínio sobre reflexões e fabulações pode representar uma limitação, inclusive no que se quer dizer com o termo nacional. É necessário, pois, adotar outra perspectiva para analisar a cultura, as artes e a literatura — notadamente a aberta pela ideia da transculturação, por se tratar de ponto de vista mais poroso à noção de interação.

A ideia de transculturação nos mostra que, no contato entre culturas, se multiplicam as não-contemporaneidades (o que é inerente a cada cultura; passado), que na nova configuração cultural coexistem com as contemporaneidades (o que a cultura pode ser; presente). Por isso, no desenho cultural mundial atual, algo do passado permanece aparecendo no presente — o passado não é superado, nem o presente se consolida, e a cultura que está sendo produzida confirma ou questiona, do ponto de vista ideológico, o processo histórico por ela absorvido, tensionando-o com o devir, mas sem abdicar dos seus aspectos culturais originais.

Por sua vez, qualquer transculturação contempla traduções (Ianni, 1997b, p. 22) — como mediações para que o real seja convertido em conceito ou metáfora —, que produzem e implicam a cultura. Enquanto processo narrativo de contar a história a partir de certo olhar, enviesado, a tradução varia no tempo e no espaço, conforme autor ou leitor. Assim, o mundo pode ser lido e escrito a partir de distintas narrativas sócio-históricas, sem limites definidos, mas sempre mobilizando ideias. Delas fazem parte também as narrativas sociológicas e as literárias, como capítulos do livro mais amplo que é a história (p. 27). Como a narração nunca é completa, a realidade aparece decantada ou fabulada através de metáforas que captam o que se esconde na fissura do real (no mais das vezes oculto por um arquitetado apagamento histórico-epistemológico que condiciona modos e objetos de conhecimento).

Para que o que está oculto se erga das fissuras do real, é imprescindível ao estudioso pensar com palavras tanto não-contemporaneidades quanto contemporaneidades. A análise da realidade através do pensamento permite que palavras se renovem em sua dimensão viva, eis que experimentadas concretamente. Afinal, a história é feita não pelo ser abstrato, mas por seres concretos e em condições objetivas, como personagens das narrativas que elaboram por meio de palavras com múltiplos sentidos, precisamente os que fazem a poesia (Kaplan, 2018, pp. 40–41). Pelo uso seletivo de recursos expressivos, constroem montagens que decantam o real. Essa a capacidade de fabular que a poesia cultiva para acessarmos o passado encoberto pela historiografia dita universal, recriando experiências que se mantêm vivas no mosaico da memória coletiva, e dando-lhes outras interpretações (Pereira, 2014, p. 200).

Nesse passo, é possível entender a metáfora não como usualmente significada — mero recurso linguístico para a construção do poema —, e sim como base propulsora do pensar, nomeadamente da construção de uma subjetividade que dê conta do imaginário coletivo.⁵ Usa-se a metáfora para tornar o pensamento compreensível aos outros através de palavras, bem como para refletir sobre as coisas, de forma que acaba desempenhando papel essencial em nossas interações, como meio de expressão e de compreensão (Pereira, 2014, p. 198).

Considerando que a cultura é um campo em disputa pela racionalidade moderna (não-contemporaneidades) e conformação ou resistência à ela (contemporaneidades), o processo mundial de transculturações simultâneas evidencia tais contradições existentes no globo, como uma agulha cuja linha vai costurando conformismos e críticas à superfície da memória coletiva. Vestígios da memória histórica nos são transferidos por metáforas, ao mesmo tempo

⁵ Para um entendimento mais aprofundado acerca da noção metáfora aqui mobilizada, conferir o capítulo *No sentir da metáfora: “ver o tempo”*, da dissertação *Quando a palavra é poesia: significados histórico-culturais em perspectiva* (Nascimento, 2025, pp. 105–151).

em que novas teorias de conhecimento do mundo inovam em suas metáforas, que tanto podem encetar continuidades quanto rupturas. Daí a importância da leitura crítica da história latino-americana pelo caminho da poesia, que nada mais é do que uma expressão da transculturação, tanto podendo reproduzir quanto tensionar a realidade.

Em síntese, a produção poética contemporânea tanto pode reproduzir quanto contestar a realidade posta. Suas manifestações coexistem, nada obstante sejam contraditórias. Desde o século XX, com a emergente fase global moderna de enaltecimento das diferenças, as muitas narrativas sócio-históricas produzidas adquirem outros significados. A partir de incontáveis leituras, por inúmeros leitores, em várias épocas, todas acatadas com igual peso na elaboração do mundo, essas narrativas se convertem em discursos que nunca terminam (Ianni, 1997b, p. 23). Por consequência, reescrever a história latino-americana vira objeto de muitos escritores que encontram na palavra poética um campo propício para trabalhar a memória. Ao mesmo tempo em que faz circular os elementos da realidade, a arte permite a insurgência contra ela, pelo menos através da potência revolucionária da poesia, que “revela este mundo, cria outro” (Paz, 1982, p. 15). A arte desempenha, assim, papel primordial na representação, manutenção e/ou ruptura da memória histórica latino-americana.

Portanto, a realidade é matéria fecunda de criação para cientistas, artistas e filósofos que a depuram a partir do que imaginam possa ser o real, ou do que gostariam que fosse. É o que acontece quando tentam, intencionalmente ou não, conceber a ideia de América Latina, compondo o registro de como o continente se pensa: o que tem sido e o que pode vir a ser. Esse quadro lembra a clássica gravura de Maurits Cornelis Escher, de 1948, *Desenhando mãos*, em que duas mãos desenharam uma à outra em um processo infinito, tal qual o processo — à guisa do fazer poético — de pensar e constituir com as mãos a América Latina.

POR UMA POÉTICA *BELLICA*

Refletir sobre a realidade latino-americana a partir do prisma transcultural, então, nos coloca na condição do filósofo descrito por Franz Kafka em *O pião*, que esperava as crianças lançarem seus piões para capturá-los a girar, acreditando que isso bastaria para apreender o todo. Satisfeito com o objeto em mãos, logo o jogava no chão e ia embora. Mas sempre que as crianças recomeçavam a brincadeira, era tomado pela “esperança de entendimento” (Carson, 2022, n.p.). Na leitura de Anne Carson, a história enuncia a relação que temos com a metáfora. De fato, na mesma toada em que o sentido, girando, se mantém em pé sobre o eixo

de estabilidade, girar desloca o sentido. No mosaico de produções que estamos desvelando, existem inúmeros piões performando a latinidade. Nossa intenção é acompanhar seu giro.

Desde 2023, o governo da Nicarágua tem adotado uma série articulada de medidas de repressão aos declarados opositores políticos, com destaque para a privação da nacionalidade. Em protesto, em entrevista ao programa *Esta Semana* (Confidencialnica, 2026), por ocasião do Dia Internacional das Mulheres, uma dessas “traidoras da pátria” recortou o próprio passaporte ao vivo, enquanto anunciava: “*Yo no soy este documento, yo soy Gioconda Belli, soy una poeta nicaraguense*”. Lembrou ainda que, quando a história tiver escanteado esses tiranos, permanecerá nos livros como poeta nicaraguense. O passaporte? “*Lo sustitui*”.

Se, na tradição política, a nacionalidade é percebida como vínculo jurídico que situa o indivíduo no interior de um “povo”⁶, o gesto de Gioconda parece tensionar a própria noção de pertencimento a uma comunidade partilhada. A autora concebe a sua relação com o país natal como vínculo tecido na prática, experimentado histórica e culturalmente enquanto mulher, poeta, revolucionária. Em suas palavras: “Há duas coisas que decidiram a minha vida: o país onde nasci e o sexo com que vim ao mundo” (Belli, 1995). Em certa medida, sua trajetória política foi “resultado de ser nicaraguense”, ao mesmo tempo em que a perseguição sofrida na década de 1970 a levou a reelaborar sua compreensão da realidade e, a partir disso, “escrever poesia, não só sobre a realidade política, mas também sobre a realidade enquanto mulher”.

Embora pretendamos, com o presente estudo, apresentar nossas primeiras reflexões sobre uma possível ideia de latinidade subjacente à produção de poetisas latino-americanas na contemporaneidade, certamente a “poetisa erótica da revolução” já oferece indícios candentes de um caminho a ser considerado. Em seus textos, ao unir corporalidade e desejo a resistência e compromisso revolucionário, Gioconda reafirma essa pecha — tanto bela quanto *bellica* —, inscrevendo, na gramática do continente, uma forma singular de conjugação histórica entre poesia e luta, que prioriza não apenas a produção, mas, sobretudo, a perspectiva de mulheres latino-americanas. A propósito, em entrevista a Patricia Venti (1995), questionada sobre por que escreve poesia erótica, Gioconda esclareceu que:

Yo pienso que empecé a escribir poesía erótica porque no tenía prejuicios ni tabúes con respecto al sexo, tuve la suerte de tener una madre muy sana que nunca me habló del sexo de una forma sucia o pecaminosa, al contrario siempre me lo planteó como una cosa hermosa y ser mujer me lo hizo sentir como un poder, no como una debilidad. (...) Esto me marcó definitivamente porque yo empecé a escribir lo que sentía, en ningún momento me propuse

⁶ Utilizamos aspas por se tratar de um termo disputado em diferentes áreas do conhecimento. Para os fins deste trabalho, não nos deteremos em sua problematização conceitual.

escribir poesía erótica. Yo fui la primera sorprendida al publicar los poemas y resultaron ser un escándalo y los catalogaron como poemas eróticos. No estamos acostumbrados a ver a la mujer ser sujeto de su sexualidad sino siempre objeto. Las antologías de poesía están llenas de hombres que han escrito desde tiempos inmemoriales las cosas que yo escribo sobre el cuerpo de los hombres o los sentimientos que expreso y sin embargo no se les consideran poetas eróticos. Escribo de todo, no solo poesía sobre el amor, o el cuerpo, pero como me atreví a decir cosas que otras mujeres no se habían atrevido ahora soy poeta erótica.

Em suma, escreve com o corpo que habita e pelo qual é habitada. Propõe, assim, uma comunicação corpórea entre as pessoas para que a sociedade seja transformada. A literatura emana tal elã comunitário ao nos fazer sentir menos sós em saber que outras pessoas passam por situações semelhantes às nossas e aprender como lidam com a dor e os problemas (Belli, 2024). Aliás, em 2023, após receber o XXXII Prêmio Reina Sofía de Poesia Iberoamericana, já exilada na Espanha, Gioconda percebeu que estava transcendendo sua nacionalidade e a si mesma, o que também é “dom da poesia” (1995).

Importante observar, entretanto, que “nem toda poesia, literatura, arte é de luta” (Iasi; Scapi, 2017, n.p.). Como aludido, tal qual esclarecem Mauro Iasi e Luis C. Scapi, “o poema vem ao mundo não só pelas mãos do poeta, mas também pelas mãos da história”. Em suas palavras:

Parafraseando Marx, os poetas fazem seus próprios poemas, mas não o fazem como querem, não o fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que defrontam (...), legadas pelas lutas do passado. Partimos sempre de um chão histórico dado e podemos negá-lo ou aceitá-lo, sejam em aspectos específicos ou em sua totalidade. Não há, portanto, como separar o ser-no-mundo de sua obra artística. Toda poesia, nesse sentido, é política, mesmo quando não aborda questões sociais e políticas, porque expressa, com seu fazer artístico ou silêncio seletivo, valores que legitimam ou rompem com o mundo herdado. (Iasi; Scapi, 2017, n.p.)

Isso significa que nem toda poesia inventariada será necessariamente “de luta”. A inflexão nos confronta a (re)pensar a América Latina partindo do que passaremos a denominar de poética *bellica*. Apesar de inventado, este termo tem o mérito de remeter ao sobrenome de Gioconda Belli, que na origem latina quer dizer bela, bonita, agradável — indicando um proceder poético que absorve o *modus operandi* da autora —; ao mesmo tempo em que soa, tanto no português quanto no espanhol, como *bélico*, “relativo à guerra”.

Essa fricção semântica ganha ainda mais ímpeto quando lemos os versos da brasileira Luiza Romão, poeta e atriz — “meu útero é uma bomba/ e não precisa de fósforo/ para explodir” (2017, n.p.) —, em cotejo com os da poeta argentina Martina Cruz, que se recusa a

traduzir como trovões o canto dos gritos abraçados: trata-se, antes, do “barulho seco/ da queda de um mantra/ nós mulheres já não repetimos mais/ uma história que não nos contém” (2023, p. 8). A poesia se diferencia exatamente pela aptidão da palavra de ser, além de significado, música e evocação (Rossi, 2025, p. 63). Daí o alerta: “agora que nos encontramos/ você vai ouvi-los para sempre” (Cruz, 2023, p. 8). A propósito, no poema que dá título ao livreto traduzido no Brasil, Martina (pp. 22–27) enlaça seu grito ao de Gioconda:

um idioma que faz ruído de fósforo

não me olhe pela televisão
 não sou um país remoto
 nem um homem que assovia no alto de uma montanha

estou em guerra

a águia que desce rasgando a pele
 com as garras de vidro
 e as meninas que se desvanecem como flores que não aguentam um mísero sol

não quero me trair

minha identidade queria ser uma casa em construção
 mas é
 insaciavelmente
 um barril de pólvora
 bombardeado
 tenho túneis que já não levam a lugar nenhum
 caminham por mim soldados
 que não entendem o que significa a palavra
 território
 ou consentimento
 às vezes quero
 me queimar viva
 me pergunto
 o que são vinte anos
 para a lua
 e sinto que como explosivos atados no meu corpo
 me jogo nos braços
 das pessoas que quiseram cuidar de mim
 e me justifico

uma bala não tem fome

mas não perco a fê
 não posso ser apenas uma arma frágil
 quero ser livre, ver luzes
 vermelhas, entre as piscadas
 de um relâmpago
 saber que me construo

tijolo a tijolo

*tomara que todos cheguem a algum lugar
que chamem de casa
uma vez*

mesmo que em realidade
as baías não entendam de reencontros
e quando chega pela manhã
uma barca repleta de neve
nenhum lenço flamejante em uma mão amiga
o sol a centímetros do chão
uma família numerosa
talvez como a minha
dança na chuva
e não rezam
por eles
os pobres não rezamos por nós
nem para mudar a história de uma vida trágica
rezamos pelas plantas
porque
há trovões que despedaçam os troncos
há crateras nas violetas
há uma dor veterana
uma caravana que não chega a seu destino
uma cerca de arames
muito alta
uma peregrinação impossível
uns quantos homens poderosos
donos
que não podem adivinhar o que significa a palavra
igualdade
ou resistência
há botas rompendo portas
há homens que apregoam
que tem gente que simplesmente desaparece
e que nós
não existimos
mas não perco a fé
sou uma cigarra
como já disse
não quero me trair

minha liberdade
é o poema que não posso dizer
o que se intui nestes rabiscos
perdão não sei falar
espero que esse poema
se torne um hino
para nós que vivemos à margem
ou que se escute apenas uma vez
em uma casa pequena
na madrugada

ambas estariam bem

se tivesse que traduzir o poema
 não saberia como
 está escrito em um idioma
 que faz ruído de fósforo
 não teria as ferramentas
 para falar do segundo
 em que algo se acende

*o que é a liberdade
 e a identidade?
 mais que o seu verso preferido
 de um poeta que não sabe que é poeta*

e que é impossível de traduzir

mas não perco a fê
 ainda me emociono
 com qualquer ato de sobrevivência

vou colocar as mãos na terra
 vou semear
 caso a chuva
 também queira alimentar-se
 vou confiar na herança
 das mulheres da minha família
 este barril de pólvora
 é meu
 essas trincheiras
 eu construí com meus amigos
 vou sobreviver
 eu sei
 noite passada
 enquanto uma garça aterrisava sozinha
 nos campos
 umas violetas floresceram na minha porta
 e tive certeza

não importa não me definir
 estou na luta
 e em algum lugar me esperam.

Ora, que cimento vivo é esse que faz com que uma quantidade expressiva de pessoas se sintam latino-americanas? Recentemente, a impactante apresentação do artista porto-riquenho *Bad Bunny*, no *Super Bowl* de 2026, convocou audiências globais a refletirem sobre a ideia de latinidade, que não cessa de ser pleiteada, mas agora levando em consideração o que performam os próprios latino-americanos. Não casualmente, após a repercussão do “evento” *Bad Bunny*, milhares de pessoas passaram a comparar imagens do espetáculo, letras de canções e a foto da capa do último álbum do cantautor com cenas cotidianas, vividas na periferia mundial, e a encontrar similitudes entre elas. *Se reconhecendo*, pois.

Em direção análoga, na entrevista anteriormente mencionada, Gioconda entoou, entre outros, o seguinte verso: “*la solidaridad/ es la ternura de los pueblos*”. E é, além disso, a estratégia dos povos (Navas; Bascuas; Troya, 2026). De algum jeito, após realizada a primeira demão de leitura do acervo poético que possuímos, parece que muitas de nós, mulheres, estamos dividindo experiências e tomando conta umas das outras. Cuidado que se manifesta amiúde por meio desse idioma comum que faz ruído de fósforo: a poesia latino-americana. Parafraseando a poeta brasileira Ana Martins Marques, pode-se afirmar que várias mulheres escrevendo ao (e no) mesmo tempo (histórico), em locais diferentes, sobre questões próximas, se irmanam e imantam em uma mesma comunidade latino-americana. Possivelmente porque, “apesar das grandes distâncias entre as mulheres pensantes, ainda podemos inaugurar uma correspondência íntima” (Schwartz, 2025, p. 60). O seguinte excerto de Mar Becker (2020, p. 106) talvez ajude a elucidar essa nossa impressão inicial: “somos loucas, o meu amor me diz/ somos, respondo. loucas daquela loucura iluminada que sobe por/ um corpo quando nele se levanta uma legião”.

A epígrafe do citado livro de Martina é um poema da uruguaia Cristina Peri Rossi, poeta, escritora, tradutora e ativista política que, como Gioconda, também teve que se exilar da ditadura. Seus livros e a menção ao seu nome foram proibidos. Foi parar na Espanha, onde transformou resistência em literatura. A argentina Tamara Kamenszain, poeta, romancista e ensaísta falecida em 2021, chama inúmeras mulheres a participarem do seu texto: argentinas, uruguaias, a brasileira Marília, entre outras. Em 1999, as poetisas argentinas Cecilia Pavón e Fernanda Laguna fundaram uma pequena editora motivadas por uma viagem à Bahia, “quando conheceram as lojas de R\$ 1.99 e a literatura de cordel” (Rocha, 2023). Influenciada pelo primeiro contato com feministas (2017), na Argentina, Angélica escreveu *O útero é do tamanho de um punho*, em que admite: “a verdade é que não voltei da argentina” (2012, p. 75). Com ironia, arremata: “*poeta argentina:/ zelarayán de nápoli thenon/ blanco medrano e freitas// freitas, no sos I poeta argentina/ bueno, soy I poeta brasileña*” (pp. 78–79).

Tendo em vista que a problemática da latinidade constitui pano de fundo de nossas preocupações, uma inestimável tapeçaria vai se desenhando no interior da poesia produzida por mulheres latino-americanas contemporaneamente. Como em uma roda, a vida cultural e intelectual se alimenta pela circulação de ideias entre diferentes mulheres, semelhante ao que ocorre no seguinte poema da poeta uruguaia Paula Simonetti (2023, p. 48):

Milagros

Milagros olha imóvel às costas de

sua mãe se curvarem na pia As
 senhoras formam uma roda somam
 e subtraem suas desgraças
 Para Milagros parece uma brincadeira estranha
 e olha como aumentam suas apostas
 quem tem mais filhos mortos
 quem tem cachorro ou sobrinhos
 enterrados
 quem sente mais a dor
 dessa brincadeira

Milagros observa piões reais. Curiosamente, a palavra, de origem latina, deriva – por metáfora – de *peão*, designando “os que andam a pé, soldados de infantaria”. Quando acionados, levantam como se, em marcha, coração em punho, estivessem preparados para o combate. De fato, a leitura dos textos das primeiras autoras, embora nem todos citados neste estudo, sem dúvida contribuiu para forjarmos importantes elaborações conceituais. Ninguém sai ileso de um poema, ainda mais quando carregam “uma dor aqui,/ do lado da pátria” (Rossi, 2025, p. 35). No poema *Mãos*, o brasileiro Leonardo Gandolfi registra que “Quem já tocou a dor/ sabe que ela/ não é feita/ da mesma matéria/ da beleza/ mas uma coisa/ elas têm em comum/ a beleza é simples/ a dor também” (Leite, 2026). Necessário e urgente, portanto, lembra a afrocolombiana Johanna Barraza Tafur, poeta e fotógrafa, é sair da trincheira e “organizar a fúria” (2023, p. 34). Nossas poetas o fazem através de uma poética *bellica*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal qual restou demonstrado, as poetisas lidas até o momento, em sua maioria inseridas em contextos semelhantes — patriarcais, ditatoriais, em suma, de exclusão —, repartem o exílio, real ou virtual, quando ousam expor opiniões e posicionamentos através da palavra escrita. Como nota Paloma Vidal, Tamara iniciou a escrita de *Garotas em tempos suspensos* quando mulheres foram às ruas na Argentina pela aprovação da lei do aborto e a concluiu durante a pandemia; “atravessada por essa experiência das ruas e por uma reflexão feminista acerca da vida e da poesia, próprias e de outras mulheres, a primeira pessoa do plural no feminino se impõe desde os primeiros versos” (Vidal, 2022, n.p.). Citadas pela poeta, outras mulheres figuram entre as autoras que desejaram escrever, e escreveram, mas que, para isso, precisaram abrir espaço não previsto, pagando o preço do isolamento, censura e resistência. Por isso, Tamara adverte que conservadores e autoritários “preferem anular as contradições para poder continuar contando suas histórias sem se abalar”, na literatura e fora dela.

Neste texto, reconhecendo essas contradições, procuramos demonstrar os caminhos que estão sendo trilhados para a construção da tese, passando pelas ruas da América Latina, da latinidade, da transculturação, da poesia e das mulheres cujos textos estamos inventariando, no mesmo passo em que, ainda que sejam os poemas a embalar a pesquisa, são os temas e os questionamentos abordados — com os desdobramentos reflexivos que legamos extrair — que permitem o cruzamento de todas essas vias. Por fim, são da argentina Roberta Iannamico, poeta, cantora e compositora, os versos a seguir, do poema *As coisas*: “Sempre com as coisas/ a roupa/ os pratos/ os ovos cozidos/ a água da torneira/ os brinquedos jogados/ o quente/ o frio/ o suave/ o pesado/ as coisas que cabem/ numa mão/ isso é o que eu tenho/ para montar um mundo” (2025). Sigamos.

REFERÊNCIAS

BELLI, Gioconda. O desejo é maior do que a realidade. [Entrevista concedida a] Vera Dantas. **Wookacontece**, [S.l.], 16 abr. 2024. Disponível em: <https://www.wook.pt/wookacontece/novidades/noticia/ver/o-desejo-e-maior-do-que-a-realidade-entrevista-a-gioconda-belli/?id=241966&langid=1&srsltid=AfmBOopUPWKqct8x89CzoUulZzfvaYEOibWg2zFirlT6wN8BHf4g9uQ0>. Acesso em: 8 abr. 2026.

BELLI, Gioconda. *La poesía me sobrepasa*. [Entrevista concedida a] Patricia Venti. **Letralia**, Heidelberg, 1995. Disponível em: <https://letralia.com/152/entrevistas01.htm>. Acesso em: 11 abr. 2026.

CARSON, Anne. **Eros, o doce-amargo**. Trad. Julia Raiz. São Paulo: Bazar do tempo, 2022.

CONFIDENCIALNICA. *La poesía de Gioconda Belli y la lucha por los derechos de las mujeres*. YouTube, 8 mar. 2026. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/vQCen1Odcjo>. Acesso em: 30 mar. 2026.

DIAS, Edmundo Fernandes. Como pode o subalterno falar?. In: DEL ROIO, Marcos. (Org.) **Gramsci: periferia e subalternidade**. 1.ed. São Paulo: Editora da USP, 2022, pp. 65–87.

FREITAS, Angélica. **Angélica Freitas, suas publicações e o feminismo**. Entrevista concedida a Laura Cohen. Estratégias Narrativas, YouTube, 22 jun. 2017. 18min51s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DDgloKrGbrE>. Acesso em: 12 abr. 2026.

GANDOLFI, Leonardo. **Mãos**. Instagram: @floatingbear_poemas, 16 abr. 2026. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DXMoE6kEWXa/?img_index=2. Acesso em: 16 abr. 2026.

GARCIA, Marília. **Pensar com as mãos**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2025.

GARCIA, Marília. Pensar com as mãos. **Jornal Rascunho**. Curitiba: Editora Letras & Livros Ltda., ed. 215, mar. 2018, p. 15. Disponível em: <https://rascunho.com.br/inquerito/pensar-com-as-maos/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

IANNI, Octavio. A idéia de Brasil moderno. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, São Paulo, v. 1, n. 1, pp. 19–38, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645452>. Acesso em: 06 jul. 2024.

IANNI, Octavio. Sociologia e literatura. **Primeira Versão**, n. 1, Campinas: IFCH/UNICAMP, 1997a.

IANNI, Octavio. Globalização e transculturação. **Primeira Versão**, n. 69, abr., Campinas: IFCH/UNICAMP, 1997b.

IANNI, Octavio. O labirinto latino. **Primeira Versão**, n. 50, Campinas: IFCH/UNICAMP, 1993. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf/publicacoes/primeira_versao_-_50_ok.pdf. Acesso em: 13 jul. 2025.

IANNI, Octavio. A ideia de América Latina. **Primeira Versão**, n. 13, Campinas: IFCH/UNICAMP, 1990. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf/publicacoes/primeira_versao_13_ok.pdf. Acesso em: 13 jul. 2025.

IASI, Mauro; SCAPI, Luis C. Prefácio. In: VASQUES, Jeff (Org.). **Poesias de luta da América Latina**. Trad. Jeff Vasques. 1. ed. [S.l.: s.n.], 2017.

KAPLAN, Leslie. As palavras (escrever, literatura e sociedade). In: KAPLAN, Leslie. **O inferno é verde (seguido de As palavras)**. Trad. Zéfere. São Paulo: Luna Parque, 2018, pp. 32–49.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Piera Paula Schnaider do. **Quando a palavra é poesia: significados histórico-culturais em perspectiva**. Orientadora: Meire Mathias. 2025. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Maringá, 2025. Disponível em: <https://pgc.uem.br/arquivos-dissertacoes/piera-paula-schnaider-do-nascimento.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2026.

NAVAS, Carmen; BASCUAS, Maisa; TROYA, Pilar. **Os feminismos populares contra a guerra neocolonial na América Latina**. Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, 27 mar. 2026. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/feminismos-populares-america-latina/>. Acesso em: 7 abr. 2026.

PALOMA. Canções de atormentar: você não consegue tapar os ouvidos com os cotovelos. **Valkirias**, [s.l.], 24 nov. 2020. Disponível em: https://valkirias.com.br/cancoes-de-atormentar-voce-nao-consegue-tapar-os-ouvidos-com-os-cotovelos/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 12 abr. 2026.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREIRA, Diana Araujo. *La palabra poética y la (re)invención de América. Remate de Males*, Campinas, v. 34, n. 1, pp. 194–211, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635841>. Acesso em: 28 abr. 2024.

ROCHA, Eduarda. 2 poecontos de Fernanda Laguna. **Pontes Outras**, 18 set. 2023. Disponível em: <https://pontesoutras.wordpress.com/2023/09/18/2-poecontos-de-fernanda-laguna-por-eduarda-rocha/>. Acesso em: 11 abr. 2026.

SCHWARTZ, Selby Wynn. **As filhas de Safo**. Trad. Nara Vidal. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea, 2025.

VIDAL, Paloma. E no entanto e no entanto: o livro das chicas de Tamara. In: KAMENSZAIN, Tamara. **Garotas em tempos suspensos**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Círculo de Poemas, 2022. (*E-book*)

OUTRAS FONTES

BECKER, Mar. **A mulher submersa**. Fotografia: Wladimir Vaz. Bragança Paulista: Editora Urutau, 2020.

CRUZ, Martina. **Um idioma que faz ruído de fósforo**. Trad. Isabella Brandao. Porto Alegre: Isto Edições, 2023. -- (Coleção pequenas noites)

FREITAS, Angélica. **Canções de atormentar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

FREITAS, Angélica. **Meu útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. (*E-book*)

IANNAMICO, Roberta. **As coisas**. Tradução: Eduarda Rocha. Instagram: @editoraficticia, 24 set. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DO_UOxQjjd/?img_index=1. Acesso em: 13 abr. 2026.

KAMENSZAIN, Tamara. **Garotas em tempos suspensos**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Círculo de Poemas, 2022. (*E-book*)

ROMÃO, Luiza Sousa. **Sangria**. 1. ed. São Paulo: Selo do Burro, 2017.

ROSSI, Cristina Peri. **Nossa vingança é o amor: antologia poética (1971-2024)**. Org./Trad. Ayelén Medail, Cide Piquet. 2. ed. bilíngue. São Paulo: Editora, 34, 2025.

SIMONETTI, Paula. **Na boca dos tristes**. Trad. Eduarda Rocha. Porto Alegre: Iato Edições, 2023. -- (Coleção pequenas noites)

TAFUR, Johanna Barraza. **Plantei nêsporas na tumba de meu pai**. Trad. Rafael Tourinho Raymundo. Porto Alegre: Iato Edições, 2023. -- (Coleção pequenas noites)

VASQUES, Jeff. (Org.) **Poesias de luta da América Latina**. Trad. Jeff Vasques. 1. ed. [S.l.]: [s.n.] 2017.

WITTNER, Laura. **Tradução da estrada**. Trad. Estela Rosa, Luciana di Leone. 1. ed. São Paulo: Círculo de poemas, 2023. (*E-book*)